A dona do bordel

Capítulo 1

A dona do bordel reunia suas meninas, nos fins de tarde, as prostitutas do prostíbulo, e dava instruções a elas, ensinava a suas garotas como tratar os homens. Era um bordel de luxo. As mulheres eram lindas.

A dona do bordel se chamava Antoniete. Tinha 40 anos, no entanto era ainda uma mulher sedutora, loura magra de olhos azuis. Um fim de tarde, na passagem do dia para a noite, ela reuniu as meninas e começou a preleção.

- A Wilma Azevedo acaba de lançar um livro – disse. – Ela está de volta. O nome do livro é "Sadomasoquismo Sem Medo". Vamos falar um pouco de SM hoje. Há mais gente no mundo que gosta de SM, e pratica, leva a sério, do que vocês podem imaginar. Eu recomendo a leitura desse livro e vocês devem procurar assimilar os ensinamentos dela. Ela tem muita prática, muita experiência, são muitos anos de estrada. O que vocês querem é agradar os homens, não é? Ela vai ensinar a vocês como fazer isso. De uma nova maneira. Não sei quantas de vocês já praticam habitualmente o SM. Quantas? Levantem a mão.

Só uma ou duas levantaram a mão.

- Tolinhas.
- Assim mesmo de leve – disse uma.
- Não levamos a sério – disse outra.
- Só frescura – disse uma.
- Não tolero pancada – disse ainda uma outra.

- Não aceito maus-tratos no meu corpinho – disse mais uma que quis falar, alisando suas curvas.

- Estão vendo? – disse a dona do bordel. – Têm muito a aprender com a Wilma Azevedo. Ela é ótima. Espero que leiam o livro e aproveitem. Vão lucrar, não saem perdendo. Eu quero que todas leiam o livro. Tenho alguns exemplares. Conforme forem lendo vão passando a suas colegas.

- O que ela diz no livro? – perguntou uma das pupilas de Mme Antoniete, uma das mais jovens.

- Ela escreve o livro – respondeu Antoniete – em forma de depoimentos e relatos sobre a prática, muitos dos quais extraídos de sua própria experiência pessoal. Para o psicólogo e terapeuta sexual Oswaldo M. Rodrigues Jr., a obra sugere meios para melhorar relacionamentos humanos e aprender a viver os desejos com todo o vigor, compreendendo os próprios limites e os de outras pessoas. Por aí vocês vêem que o assunto é sério.

- SM? É sério?

- Não seja tola. E não banque a ingênua. Há muita hipocrisia no mundo. Não há mal nenhum em ser sadomasoquista. Todos têm o direito de ser sadomasoquistas, se quiserem. E é isso que a Wilma tenta colocar no livro dela. E diga-se de passagem coloca muito bem. Ela lembra Sade, cita ele.

- Sade era um pervertido, um maluco – discordou uma das moças.

- Ele era doente.

- Ela lembra Sade – teimou Antoniete. – E ensina que “podemos ser livres para pensar e não necessariamente somos obrigados a cumprir tudo o que pensamos”. Vocês entendem?

- Mais ou menos.

As garotas não entendiam muito bem. Algumas delas eram ingênuas – primárias, melhor dizendo, não muito sofisticadas, rudimentares, vindas do interior, muitas bem jovens. Precisando de polimento, de cultura e polimento.

- Olhem, crianças – prosseguiu Antoniete. – Eu quero que vocês leiam esse livro. Todas. Vai fazer muito bem a todas vocês, vão aprender a se relacionar muito melhor com os homens, vão aprender a tirar mais prazer do sexo, tirar e dar, dar e sentir prazer, esqueçam as operações de compra e venda e, acima de tudo, vão aumentar os lucros da casa, o que reverte em benefício de todas nós, é mais do que bom para todas nós, talvez até melhor do que qualquer prazer sexual que porventura venham a obter com os novos ensinamentos.

- Eu vou ler o livro – disse uma.

- O livro tem 160 páginas – informou Antoniete. – E discorre sobre os 16 anos de envolvimento da autora com o sadomasoquismo. Presta atenção. Ela procura sempre valorizar as boas intenções da prática para quem gosta de variar no sexo, para quem tenha a mente fantasiosa ou que só se excite em posições ou situações especiais. Para isso ela discorre quase de forma didática sobre os conceitos de sua modalidade sexual preferida. E aproveita para comentar alternativas de comportamento que intensifiquem os limites do prazer através do SM.

Seguiu-se um silêncio.

- Depois eu volto a esse assunto do SM – encerrou Antoniete. – É muito vasto e tem sido muito pouco explorado por causa da hipocrisia e dos preconceitos, a moral sexual repressiva.

No entanto ela continuou a falar. Recomeçou, dentro de instantes.

- Vou falar um pouco a vocês, queridas – disse Antoniete, – da dupla penetração. Acho que a melhor maneira é citar depoimentos, filmes. Um filme muito bom que trata desse assunto é "Vortex". Cientistas, máquinas, as pessoas se perdem no passado. No interior de um típico bordel, surge um dos melhores momentos do filme: a dupla penetração feita com a inglesa Nici Sterling, que não perde a pose. Precisam ver esse filme, produção esmerada, trabalho criativo, o diretor utiliza o preto e branco e recria o clima do clássico "Casablanca" sem deixar de oferecer sexo na dose certa. Vão me entendendo, não é, meninas? Tem um outro, "University Co-Eds 3", é o nome do filme. Também tem dupla penetração. A mais descarada é Candy Hill. Ela confessa a sua fantasia de transar numa oficina mecânica. Seu desejo vira realidade e na hora do almoço dois fortes mecânicos acabam possibilitando uma penetração em dose dupla. A felicidade dela é seguida pelo lesbianismo de Drew e Tricia, a primeira mostrando seu fetiche por calcinhas. Estão vendo? Tudo é válido. Surge uma outra dupla penetração na terceira parte com Holy Woods sendo penetrada junto de uma cavalariça. Vejam isso, é outro filme, tenho muitos filmes pornô. Uma van cheia de jovens de ambos os sexos parte pela estrada. A sacanagem já rola na estrada, com uma das garotas abrindo a braguilha do motorista. "Meu Deus, é um monstro", grita diante do tamanho, mas não deixando de cair de boca, em meio ao tráfego movimentado das estradas da Califórnia. Numa das transas a moça fica de quatro e enquanto é bombada come com prazer uma banana. Em outra, sempre com muitos risos, uma das gatas ajuda a amiga a se posicionar de forma que facilite a penetração. O "grande finalle" acontece entre mulheres numa banheira de

hidromassagem. Elas demonstram como aumentar a tesão com o uso de cremes e consolos.

Mme Antoniete parecia ter muito o que falar – um repositório inesgotável de referências eróticas. Ou gostava de falar sobre sexo ou queria mesmo que suas garotas aprendessem com ela. E os negócios iam de vento em popa. Ou as duas coisas.

- Vejam essa entrevista – disse Antoniete. – BMI, "É verdade que Rocco Siffredy te deixou bem... machucada?". Ashlyn, "Quem disse isso? Já tinha feito uma cena bem mais quente em "Secrets", onde ele me possuía em cima de um sofá. Lá, sim, fiquei um tanto... fragilizada. Mas, vejam bem, não estou me queixando". Estão vendo, meninas? Ela não se queixa. BMI, "Os 25 centímetros dele são terríveis...". E a resposta da Ashlyn, "Não me prendo em detalhes". Detalhes, mocinhas. "Rocco é um "gentleman", mas tem muito, muito vigor". BMI, "Você também é vigorosa...". Ashlyn, "Assim dizem". BMI, "E você parece gostar de exercer domínio. Foi sua a ideia de enfiar um consolo amarrado em teu corpo no rabo de Tom Byron em "O limite do Sexo"?". Ashlyn, rindo, "Não, não foi. Mas Tom é um grande colega, um profissional excelente. E depois disso fizemos vários filmes juntos. Esse tipo de cena eu repeti outras vezes com vários atores. Em "Uma Linda Massagista 2", onde era uma prostituta de luxo, botei no rabo de um ator. Não lembro em quem. Com esse filme ganhei um AVN de melhor atriz...". BMI, "E sexo anal? No começo da sua carreira você não tinha medo?". Ashlyn, "Fiz cenas incríveis. Uma com Randy Spears, que já não trabalha mais. Confesso que em clima grupal gosto mais. Hoje eu tenho mais receio, pois não sei como é a vida do parceiro. Por isso dou

preferência a trabalhar com gente de quem eu gosto, como o Tom Byron, Randy West, Jeanna Fine... São maravilhosos".

Ante uma plateia até certo ponto desatenta, talvez inclusive enfastiada – sexo costuma entediar prostitutas -, Antoniete disse:

- Atenção, moças, presta atenção. Fiquem atentas. – Como uma professora.

E o burburinho na sala de aula cessou.

- Veja esta passagem – prosseguiu a dona do bordel. – Em público e com mais pessoas? Nada se compara ao feito da atriz pornô Jasmin Saint Claire, que nasceu, imagine, nas Ilhas Virgens... Em 1977, ela transou com 300 homens em um dia, batendo o recorde de outra atriz, Anabel Chong, de origem chinesa, que havia encarado 251 marmanjos também em um único dia! Mas, claro, as duas são profissionais.

- E nós, o que somos? – disse uma, ferida em seus brios, por certo, sentindo-se desafiada.

- Acho que vocês não gostam de ganhar dinheiro – retrucou Antoniete com uma nota de desdém e malícia, provocadora. – Vejam mais, ouçam. Atentas? – Bateu palmas. – Atenção, meninas! Atençãozinha!

As alunas responderam com o silêncio. Um silêncio de atenção.

- Merece destaque o orgasmo simultâneo ou orgasmo mútuo, que é o alcançado por ambos os parceiros ao mesmo tempo. Todavia a preocupação com esse objetivo pode prejudicar o prazer sexual. A mulher pode atingir vários orgasmos e até se dar ao luxo de reservar o último para coincidir com a ejaculação do homem. Devem saber o que é orgasmo múltiplo.

- Mais ou menos.

- Vivendo e aprendendo – disse outra.
- Não precisam prender a respiração, moças – disse uma às colegas, em tom de troça.
- Orgasmo múltiplo é a capacidade de experimentar orgasmos repetidos. Apenas as mulheres são fisicamente capazes de provar esse tipo de orgasmo, já que os homens precisam de um período de recuperação entre um e outro. Após os 35 anos, as mulheres têm maior probabilidade de obter orgasmos múltiplos, pois atingem o pico de sua potência sexual. Em algumas delas, os orgasmos múltiplos podem ter um minuto de duração. Mais. Querem mais?
- Por que não?
- Orgasmo vaginal é o clímax que algumas mulheres sentem pela estimulação da vagina sem nenhum estímulo clitoriano, o que anatomicamente considera-se pouco provável. O clitóris pode ser estimulado pelo parceiro ou pela própria mulher manualmente, pelo contato e movimento do pênis; pela língua e boca do outro; por um objeto introduzido na vagina, ou por aparelhos como o vibrador. As fontes de orgasmo são coito, masturbação, jogos sexuais, sonhos sexuais, afagos e atividades homossexuais. A mulher, na hora do orgasmo, traz à tona seu lado masculino, a presença de testosterona, o hormônio masculino que dá a ela o tônus muscular e agressividade, grandes facilitadores do orgasmo. Manter as taxas desse hormônio garante o prazer em 80% dos casos.

Mais tarde Mme Antoniete disse:

- Vou terminar essa nossa palestra de hoje com alguns trechos de mais uma entrevista com uma atriz pornô. Ela se chama Kátia Serafim, uma loira magra. Parece comigo. Revista, “Quais as características do macho que têm o poder de dominar uma fêmea?”. KS, “Tem que ser carinhoso, fiel e

bom de cama". Revista, "Como é possível dominar uma fêmea na cama deixando-a atordoada, quais as preliminares que mais enlouquecem você?". KS, "Muitos beijos, principalmente na buceta, um strip sexual dele para ela". Revista, "Quais os pontos que constantemente devem ser tocados ou acariciados para que o prazer seja constante ao extremo?". KS, "É claro que na barriga, nos seios, e principalmente umas boas linguadas anais [nenhuma mulher resiste]". Revista, "O macho tem que tomar atitudes bruscas – como tapas ou puxões de cabelos para mostrar quem manda na transa?". KS, "Não, acho que ele pode ser macho independente de machucar a mulher, a não ser que ela peça e goste, pois na cama não existe "quem é quem", aliás todos nós somos alguém na cama". Revista, "Na hora da penetração qual é a posição em que a fêmea mais gosta e se sente completamente à mercê do parceiro?". KS, "É claro que é de quatro, pois todas as mulheres se sentem como se fossem cadelas, uma égua...". Eis as últimas palavras de Kátia Serafim. "A mulher deve ser carinhosa, deve ser muito fêmea e uma puta na cama mostrando para ele que ela é insaciável, assim poderá começar tudo novamente. Tenho tudo em comum com essas perguntas. Até gosto de me sentir um pouco mais puta e sádica na cama do que algumas mulheres que não têm coragem de colocar seus desejos e fantasias para fora, o que não é o meu caso!".

Antoniete terminou com um teste de múltipla escolha.

- Além de Olivia Del Rio, que outra atriz pornô brasileira é considerada a "rainha do sexo anal"?

A] Maggy Villela
B] Sthefhany Zizzo
C] Fabrizia Magalhães

D] Débora Rios

- Vou chutar – disse uma. – D.
- Acertou.

* *

Enquanto Antoniete falou, algumas de suas garotas, muitas em trajes íntimos, sentadas em poltronas ou sofás na sala, um salão, procuraram prestar atenção no que ela dizia. Nem todas tinham acompanhantes, mas algumas tinham – uma hora informal do dia. E, conforme os casais se inspiravam com o que Antoniete dizia, uns dois ou três deles se levantaram e foram para os quartos. Em outros casos, homens que se encontravam sozinhos também se levantaram de suas mesas e procuraram se juntar a uma ou outra das mulheres, formando novos casais. E alguns desses casais recém-formados logo se levantaram e foram também para os quartos.

Não importa, Antoniete ainda falava a uma plateia mais ou menos atenta. Havia muitas de suas garotas no salão e era a elas que Antoniete se dirigia. Sua matéria-prima eram as mulheres.

Continuou a falar.

- O que é osfreziolagnia?
- Essa é foda.
- Putzgrila.
- Cheirar calcinha. Satisfação sexual obtida ao se cheirar calcinhas usadas.

De um modo ou outro, havia alguém que se destacava. Era um homem. Ninguém dava atenção a ele e passava despercebido. O fato é que este homem se achava presente no imenso salão de festas do bordel de luxo e ouviu com atenção tudo o que Antoniete disse, pode-se dizer que se embebeu das palavras dela. A intervalos pedia que lhe trouxessem nova dose de conhaque, a bebida que ele tomava. E ficou bebendo seu conhaque e ouvindo a dona da casa. Ao parecer ele não se interessava pelas garotas – algumas lindas, ou quase todas lindas, umas tantas em trajes sumários -, como sucedia aos outros homens.

Uma pessoa observadora diria que esse homem era suspeito. Em bordéis as pessoas não costumam ser observadoras. Cada um cuida de sua vida. Ele não se vestia propriamente mal, mas era desleixado no vestir-se. Terno marrom algo amarrotado, o nó da gravata torto, ainda que mantivesse abotoado o colarinho. Seus sapatos eram um tanto cambaios.

A idade dele era indefinível. O cabelo era preto, talvez estivesse começando a ficar grisalho. Ele tinha pele morena, não era muito alto, era magro.

O que mais chamava a atenção nesse indivíduo era, além do comportamento dele, solitário, não se aproximando das garotas, bebendo sozinho em uma mesa num canto apartado, sem falar com ninguém, pedindo mais com gestos do que com palavras que lhe renovassem as doses de conhaque – e ainda assim não destoava dos outros ou do ambiente e não suspeitavam dele, gente muito desatenta nos bordéis, todos muito preocupados com o prazer -, o que mais chamava a atenção era a expressão no rosto dele, o olhar dele, toda a catadura dele – a forma do rosto dele já era algo singular, um rosto comprido, ossudo, de nariz grande, adunco

mas não muito. Rosto magro, macilento. Quase sempre a barba por fazer – era desleixado na aparência. Ele tinha olhos fundos, faces encovadas. Parecia doente. Se alguém fosse reparar diria que sofria de uma doença degenerativa de uma espécie ou outra. Até que não revelava excessiva palidez, havia um pouco de cor em suas faces. Seu olhar era mortiço. De tudo, no rosto, o que mais impressionava era o olhar. Um olhar morto, de vidro, quase, como se fossem olhos de vidro. Praticamente não se mexiam. Um olhar parado, sombrio. Sombrio e triste, havia um pouco de tristeza nele, um ar de desgosto, de enfado. Como se estivesse cansado de viver.

Alguém deveria ter reparado nesse sujeito.

Antoniete ainda falava. Falava de sexo.

- O que é melina?
- Nunca aos domingos!
- Queen!
- Aids!
- Alternativa A, pseudônimo muito usado pelas prostitutas do Paraná. B, substância expelida pelo reto após o sexo anal. C, um lubrificante a base de mel de abelhas. D, um desodorante íntimo a base de mel de abelhas.
- Tô por fora.

Ninguém acertou.

- B – veio a resposta. – Substância expelida pelo reto após o sexo anal.

Sexo era o negócio do seu estabelecimento. O indivíduo suspeito se deteve por um momento a pensar naquela dona de bordel. E calculou que ela pensava em sexo vinte e quatro horas por dia – mais do que qualquer uma das garotas dela. Presumiu que ela tinha uma motivação dupla. Disso dependiam os negócios, o seu faturamento. E ela era

também uma mulher de carne e osso, tinha uma sexualidade como todo mundo.

Ele se levantou, pagou a conta e se retirou.

E ninguém reparou nele. Era um sujeito como outro qualquer. Entrou no bordel, bebeu, não se interessou por nenhuma das garotas e tornou a sair.

- A czarina Catarina a Grande morreu, de overdose de afrodisíacos, ao tentar transar com um touro, ao tentar transar com um cavalo ou depois de um aborto mal-sucedido?
- Tentou transar com um touro!
- Não. Com um cavalo.

Não era a primeira vez que ele vinha. Ao parecer tanto a dona do bordel quanto as garotas se acostumaram com essas visitas espaçadas dele. Não vinha sempre. Mas não achavam estranho que ele viesse, bebesse sozinho no seu canto e não fosse para um quarto com nenhuma das garotas. E deveriam achar. Porque era estranho. Ele era estranho. Era suspeito.

Ele se movia lentamente. Saiu andando pela calçada como se não tivesse lugar nenhum aonde ir. E desde que não se tenha aonde ir de fato não se tem pressa.

No entanto, era de se supor que estivesse indo para casa.

* *

Algumas pessoas, conforme a vida vai ficando ruim, vai se deteriorando, em vista da própria decadência

procuram se defender – não da decadência em si, por certo mais dos efeitos da decadência. A vida vai se tornando vazia e sem sentido. Estas pessoas perdem a esperança, perdem uma a uma todas as esperanças e não sobra mais nada. Todas as ilusões do passado, conforme o transcorrer do tempo, vão se desfazendo, não eram mais do que ilusões. Eram sonhos. E aos poucos se para de sonhar.

Estas pessoas que se vêem nestas condições procuram se defender criando uma vida nova, uma vida falsa, fictícia, ou seja, inventam algo para fazer, para não se entregar ao desespero, para fugir ao sofrimento. No filme Papillon, Dustin Hoffman, preso numa ilha, dá nomes a todos os porcos, conhece a estória de cada um deles, distingue-os uns dos outros, chama-os pelos nomes e os trata como se fossem a sua família, os porcos são parentes dele. É a nova vida dele. Foi o sistema que ele criou para não enlouquecer. É a comunidade dele.

De um modo ou outro se Dustin Hoffman ficasse muito tempo naquela ilha um belo dia iria desistir dos porcos – Steve McQueen em momento algum se interessou pelos porcos e preferiu enfrentar o mar aberto. O que aconteceria a Dustin Hoffman, naquela ilha, cercado de porcos inúteis? Com o tempo ele iria perdendo as forças para ficar andando atrás dos porcos com uma varinha de tocar porco na mão. Era inútil. De vez em quando ele ia se sentar, deixar que os porcos se afastassem enquanto ele ficava pensando na vida, em um momento dado as forças eventualmente lhe voltariam e ele se levantaria e iria cuidar dos porcos, que era sua obrigação. Ele por certo faria isto a cada dia com mais frequência. Sentar-se numa pedra e pensar na vida e deixar os porcos por conta deles mesmos. Afinal os porcos não tinham nenhuma importância. A cada dia com mais constância e é de

se supor que quanto mais o tempo passasse mais horas ele permaneceria sentado na pedra pensando na vida, sentindo a inutilidade dos seus esforços e ao mesmo tempo tentando descobrir se não haveria uma outra saída, uma saída real, não ficar se iludindo com os porcos.

Alguém poderia fazer uma previsão. Um dia Dustin Hoffman se sentaria naquela pedra, ficaria vendo a vastidão do mar azul a distância e do céu azul mais vasto e mais longe ainda, sentindo ao seu redor a grandeza do mundo ainda que estivesse preso numa ilha, e não que não se levantasse mais, contudo ele passaria muitas e muitas horas sentado naquela pedra, mais do que de costume, mais do que de todas as outras vezes, até resolver se levantar – ou até ter forças para se levantar. Se levantar e se arrastar para algum outro lugar, sendo que a essa altura todos os lugares tinham o mesmo significado e em uma vasta medida não tinha sentido mudar de um lugar para outro.

Levando mais longe a previsão. Um dia Dustin Hoffman poderia se sentar naquela pedra e não se levantar mais. Ficaria sentado na pedra vendo o tempo passar até morrer. E com a morte vinha a liberdade.

O indivíduo estranho que esteve no bordel de Mme Antoniete se chamava Colestin Emmanuel. Ele se encontrava mais ou menos na situação de Dustin Hoffman na ilha um certo tempo depois de se ter começado a rodar o filme. Ele se sentava na pedra dele, esquecia os porcos, não tinha vontade de levantar-se, só o que parecia ainda funcionar nele era a cabeça. E assim mesmo só uma parte, a que correspondia à memória. Ele ficava lembrando o que passou.

Ele passava muitas horas sentado em um lugar, sem se levantar, com seu olhar vacante, sem expressão em seu rosto barbado, macilento e malcuidado. Não via o que se

passava a sua volta. Não enxergava o ambiente em torno de si, o lugar onde se achava. Se via era só dentro de si mesmo. Ele vivia em um outro mundo – era, em uma medida ou outra, o que se dizia um alienado. Às vezes se cansava de ficar sentado e se deitava em um colchão jogado no chão. E ali ficava, horas a fio, o mesmo olhar perdido no vazio, a mesma face sem expressão.

No entanto este homem ainda tinha porcos para cuidar e ia cuidar dos porcos. Chegava uma hora em que se levantava do colchão onde estivesse deitado ou do caixote onde se sentava e ia realizar seu trabalho.

Ele não trabalhava todos os dias.

Ele não trabalhava durante o dia, realizava um trabalho noturno.

Ele tinha uma ferramenta de trabalho.

Armava-se com sua ferramenta de trabalho – sua varinha de tocar porco – e ia para as ruas cuidar de sua criação de porcos.

*
*

Do lupanar, a prostituta Perina ligou para o ponto de táxi. Não havia nenhum táxi no ponto a essa hora – eram duas horas da madrugada. O movimento estava fraco e ela resolveu ir embora para casa. Também não havia um freguês de carro, desocupado, que se dispusesse a levar Perina de automóvel em casa. Antoniete não sairia de seu conforto para levar nenhuma menina em casa. Ela mesma não tinha carro.

Perina resolveu ir a pé para casa. Era perigoso, havia um alto risco nas ruas desertas a essas horas tardias da madrugada. Ela tinha medo de assaltos. De um modo ou outro precisava ir para casa. E não era a primeira vez que ia a pé para casa altas horas da noite. Ia contando com a proteção de Deus. Mas sempre sentia medo. E sempre vencia o medo, porque essas coisas se tinham de fazer, ir embora para casa depois do expediente.

Ela não morava longe. Ouvia falar de outras mulheres assaltadas e até mortas, mas não nesse bairro, longe dali, e de qualquer modo essas coisas só aconteciam aos outros nunca a nós mesmas, parecia pensar Perina, e como ela pensava boa parte da população. Quem se preocupa ou sente medo todo o tempo? Até que algumas destas pessoas que pensavam desse modo se tornavam vítimas elas próprias da violência.

Saiu andando pelas ruas. As ruas próximas ao bordel eram desertas e mal iluminadas. Perina olhava para trás e em todas as direções, temendo ser seguida, imaginando vultos sorrateiros que brotavam dos poços lôbregos das esquinas, como minhocas negras saindo da terra preta depois das enxadadas. Não viu nada nem ninguém suspeito. Mais adiante atravessava algumas ruas melhor iluminadas, bairros residenciais. Não morava em área das mais elegantes da cidade e logo as ruas tornaram a se esburacar de novo e perder a iluminação. Ruas cheias de lixo, imundas, com muito mau cheiro por toda parte. Surgiram pardieiros, em vez de casas modestas ou de classe média. E edifícios velhos, pichados do primeiro ao último andar. Os pichadores pichavam todos os muros e paredes das casas, não respeitavam escolas, creches, hospitais, monumentos, viadutos, não respeitavam nada. Perina vivia em um edifício

de apartamentos, um daqueles prédios antigos, cinzentos, sujos, com o reboco se desprendendo das paredes e também pichado, de alto abaixo, por fora e por dentro, nas paredes dos corredores e escadas. Não morava em um lugar muito decente. Um dia ia melhorar de vida.

Em todas as ruas Perina olhava muito para trás e em todas as direções, principalmente quando ia atravessar uma rua transversal, espreitava os túneis turvos das esquinas. Não viu nada suspeito nem estranho. E continuou seu caminho. Estava quase chegando em casa.

Contudo bem antes de chegar em casa, ao olhar para trás, avistou um vulto. Não teve dúvida de que se tratava de um homem. Assustou-se. Apertou o passo. Aquele homem a seguia, pressentiu. Ele também apertou o passo e ela não teve mais dúvida. Era um bandido. Um bandido a seguia. E ela andava a pé sozinha por uma rua deserta, seus passos ressoando na calçada, passando uns poucos minutos das duas horas da madrugada. Olhou desesperadamente em volta tentando avistar alguém, mas não viu ninguém. Não enxergou ao menos uma luz acesa em uma casa onde pudesse pedir socorro. Aliás tinham começado as ruas com edifícios e quase não havia casas, só prédios impessoais e desumanos de lojas e apartamentos. Uns monstros. Todos eles tinham as portas trancadas.

Pareciam desabitados.

Perina apertou mais o passo e ao olhar para trás sentiu um princípio de pânico. O homem que a seguia também apertou o passo, ele se movimentava no mesmo ritmo dela. E ela não tardou a descobrir o pior. Ele apertava o passo mais do que ela e ganhou terreno, começou a se aproximar dela.

Não queria correr e não queria gritar. Parecia que se fizesse isso aí mesmo é que se confirmaria o que ela temia – estava prestes a ser vítima de um assalto. Como se negar a realidade resolvesse o problema, impedia-o de acontecer, como que desfazia, anulava a realidade. Por lhe parecer que confirmar a realidade agravava o problema, que aí mesmo é que o problema se tornava real. A realidade não se desfazia mais por nada no mundo, era real e pronto, fim. Aquele homem poderia se enfurecer se ela gritasse ou corresse e os acontecimentos se precipitariam. Como se ele não soubesse que era assalto e ela o informasse.

A perseguição continuou, por algumas ruas. Perina virou em algumas esquinas.

Nem por sonhos o homem deixou de seguir Perina, nem em pensamento, virou todas as esquinas atrás dela.

Ela apertou o passo o mais que pôde. Mas o homem que vinha atrás dela sempre aumentava mais que ela a rapidez das passadas e continuou a ganhar terreno. Ele se aproximava perigosamente dela.

Dentro de instantes, Perina acabou de perder o controle de si mesma. Não teve mais nenhum dúvida, se ainda teve até aquele instante, de que ia ser assaltada por aquele homem. E não hesitou mais. Começou a correr.

Ao olhar para trás, enquanto corria, todas as suas esperanças se esfumaram. O homem que a perseguiu pelas últimas ruas também corria.

Como já quase chegava em casa Perina teve a esperança de que chegaria ao prédio onde morava antes que aquele homem a alcançasse. Criou alma nova, ou quase, e correu o mais rápido que pôde, aumentou ainda mais a velocidade da sua corrida, que já era louca, desesperada.

Pensando nisso, chegar em casa, mesmo enquanto corria tirou a chave da bolsa. Teria que abrir a porta do prédio, que nem porteiro tinha, bem depressa, e entrar e tornar a trancar a porta antes que aquele homem a alcançasse. Ou muita rapidez e agilidade, não podia tremer nem vacilar, agir como uma máquina, sem falhas, ou aquele homem a pegaria. E se não conseguisse enfiar a chave na fechadura? De tanto que sua mão tremia? E se ele a pegasse no instante mesmo de tentar enfiar com a mão trêmula a chave na fechadura?

Morria de medo. Na realidade sentia-se aterrorizada.

Começava a perder o fôlego. Continuou a correr.

Não tinha mais nada a perder e começou a gritar por socorro.

- Socorro! Socorro!

Se algum vizinho a escutou ninguém saiu em sua defesa. Alguém deu um tiro, em algum lugar, mas se esse tiro foi disparado com a intenção de afugentar um possível ladrão ou assaltante não adiantou. Cães latiram, mas cachorro latia por qualquer motivo ou sem motivo, os cães ladravam para a lua ou as estrelas. O bandido continuou a correr atrás de Perina, sem se importar com os gritos dela nem com o tiro, que não se repetiu. E ainda menos iria se incomodar com os latidos dos cães. E de qualquer modo ninguém aparecia nas janelas, numa porta ou na rua para prestar socorro à moça.

Finalmente, Perina alcançou a porta do prédio onde morava e, já com a chave na mão, tentou enfiá-la na fechadura. Agora se encontrava diante do prédio onde morava e não era possível que não a ouvissem. E se a ouvissem com certeza alguém lhe prestaria socorro.

- Socorro! Socorro!

Seus gritos eram desesperados.

No entanto era tarde para tudo. Ninguém apareceu para socorrer Perina. E o indivíduo a alcançou, ele chegou por trás dela, agarrou-a, segurou a mão dela que tentava enfiar a chave na fechadura e impediu que ela consumasse o gesto. Perina tremia toda, da cabeça aos pés, de alto abaixo. A chave caiu no chão – para Perina como se perdesse um tesouro. O homem a agarrava por todas as partes, parecia ter muitas mãos. Logo a enlaçava pela cintura, por trás. Uma outra das muitas mãos que ele tinha a amordaçou para que parasse de gritar.

Perina não conseguia pensar. Não raciocinava direito, em pânico, aterrorizada, porém teve a impressão de que aquele homem não era muito forte, fisicamente, e tentou lutar contra ele. Esperneou, retorceu-se nos braços dele, tentou dar-lhe murros, movendo os braços para trás ou tentando torcer o torso para trás para esmurrá-lo, ou desferir cotoveladas e até cabeçadas.

Todos os esforços dela foram inúteis. Aquele homem poderia não ser muito forte fisicamente, entretanto era mais forte do que ela e não precisava mais do que isso. Ele a levantou do solo, enquanto ela esperneava e tentava acertar-lhe golpes com os pés, desferindo as pancadas para trás, com os calcanhares. Chutava os ares, também. Jogava as pernas juntas para o ar e suspendia nos ares os quadris tentando se libertar ou desequilibrar o assaltante. Tudo em vão.

Uma das mãos do assaltantes enlaçava a cintura de Perina. A outra tapava-lhe a boca. Ele a suspendia no ar, com uma certa facilidade. E ele começou a se afastar daquele lugar, levando Perina, inteiramente manietada, incapaz de se defender, não podendo mais ao menos gritar para pedir socorro.

O assaltante levou Perina para um beco deserto. Ali a escuridão era quase total, não fosse a parca claridade vinda das estrelas.

E ele então fez o que Perina morria de medo que ele fizesse.

Uma faca apareceu na mão direita dele. Ele tinha soltado a cintura de Perina, que enlaçava com o braço direito. Passou a segurá-la, sempre por trás, com o braço esquerdo, no pescoço, aplicando-lhe uma tosca gravata. Perina se debatia e esperneava, agarrava o braço dele tentando lassear a gravata, procurava se jogar ao chão e desvencilhar-se dele, tentava livrar-se da gravata escorregando por dentro do braço dele e, de novo com a boca livre, recomeçou a gritar.

- Socorro! Socorro!

Tudo o que Perina fez em defesa de sua vida foi debalde. Gritar, espernear, tentar bater no homem, pelejar por escapar dele.

Segurando-a por trás, naquela espécie de gravata, ele começou a desferir golpes com a faca no abdome de Perina. Perina começou a sentir a dor excruciante – uma dor inimaginável – dos golpes fundos de faca e não pensou em mais nada. Estava morrendo, ia morrer, estava sendo assassinada. Aquele homem era um assassino. Ela ia morrer. O último dia de sua vida foi aquele, passado em parte em sua casa e na parte da tarde e o começo da noite no bordel. Agora eram seus últimos minutos, ou segundos. Tentou se lembrar dos últimos acontecimentos e das últimas pessoas a quem viu. Recordou seus irmãos e seus pais. O sangue começou a jorrar dos ferimentos profundos em seu ventre, ela sentiu o sangue jorrar aos borbotões, o sangue parecia apavorá-la mais do que os ferimentos em si, contudo os golpes eram profundos e eram em si mais do que apavorantes, eles rasgavam a roupa e

a seguir a carne, perfuravam as vísceras. Parecia um pesadelo, não se afigurava fato real. E era a morte, morte violenta, por assassinato.

Ela se debateu, esperneou, chorou, ainda gritou mais vezes debilmente suplicando por socorro, logo começou a perder as forças, felizmente. E com as forças se foi a consciência. Ela parou de sofrer. Parou de sentir dor, medo e entrar em pânico. E ela morreu.

Perina foi assassinada por aquele homem, a golpes de faca, em uma madrugada escura, num beco deserto, e seu corpo foi deixado caído no beco, no meio do lixo. O assassino se desvencilhou dela, limpou a faca num monturo, quase não se sujou de sangue pois ficou todo o tempo atrás de sua vítima e começou a se afastar.

Ficou vendo a prostituta – sabia que ela era uma prostituta – estertorar, caída no beco, no meio do lixo, por alguns instantes. Não tinha dúvida que ia morrer. Logo ela parou de estrebuchar. Sangrava abundantemente pelos ferimentos no ventre e alguns no tórax. Estes foram mortais. Estes é que decidiram a questão.

Então ele virou as costas e se afastou. Caminhava devagar, sem olhar para trás, parecendo tranquilo, como se não tivesse acabado de cometer um crime de homicídio, como se não tivesse acabado de assassinar cruel e covardemente a golpes de faca uma frágil mulher inocente que não podia se defender.

* *

Capítulo 2

A polícia esteve no beco onde Perina foi assassinada. Havia montões de lixo uns em seguida aos outros, lixo espalhado entre os montões de lixo, ratos e baratas. Se a polícia custasse muito a vir os ratos atacariam o cadáver da moça.

O detetive Lavelle Ottoni foi enviado ao local. Ele passou parte da noite tentando fazer contato com mulheres pela Internet e sentia-se um pouco cansado, com sono, desgostoso com tudo o que via na Internet, frustrado por não ter encontrado ninguém – e um pouco mais por pressupor que não encontraria. Pior de tudo era pensar que jamais encontraria. Jamais teria alguém. Ele tinha 29 anos e não gostava de ir a boates, festas, bares muito movimentados. Às vezes ia à praia, mas para conquistar garotas na praia tinha que se enturmar, e não gostava. E de noite a Internet era mais barato.

Se a Internet dava desgosto o beco muito mais. Ele encostou-se em uma parede, imunda, rabiscada, a dois metros do cadáver da moça e ficou olhando. A polícia científica fazia seu trabalho. Queria ser científico como aquelas donas e aqueles caras.

Ocorreu um pensamento a Ottoni. A moça morta não parecia ser feia – as pessoas mortas sempre aparentavam ser mais feias do que as que ainda viviam – e a vida era isso, a vida era um "por enquanto". E pareciam menores, também, caídas no chão. Em um beco cheio de lixo ela ficou insignificante – do tamanho de uma barata, e tão feia quanto uma barata. O que ele pensou é que ela podia ser uma das moças com quem tentou entrar em contato pela Internet. As moças a quem tentou conhecer por meio da Internet durante a noite com certeza ainda viviam. Todas elas, desejou. Não

sejam minhas mas não morram, ele fez votos. Por favor não morram, parem de morrer. Parem de ser assassinadas!

Ele sentia muito desgosto, sentia amargura. Tinha vontade de não ser detetive, não ser polícia. Não veria o que via. Por outro lado sua profissão lhe dava a oportunidade de combater os criminosos. Esta luta contra o crime também lhe causava desgosto. A polícia prendia os bandidos e os advogados e a justiça libertavam com muita presteza os criminosos presos pela polícia, como em um passe de mágica. Então para que prender bandido? Que luta era esta que se travava contra o crime? Que fazer com o sujeito que assassinou esta moça desse jeito? Ele só sentia algum alívio quando os bandidos resistiam à prisão, havia tiroteios e a polícia matava os bandidos. A lei não podia fazer mais nada. Dane-se a lei. Fodam-se os advogados. Mas a moça estava morta.

A moça foi morta a facadas e logo o corpo dela foi removido. Os peritos disseram que ela foi morta durante a madrugada – a polícia chegou cedo na parte da manhã, recebeu um telefonema anônimo.

Começou a investigação.

- Ela foi arrastada pelo beco – disse um dos peritos.
- De que lado ela veio? – perguntou Ottoni.
- Veio do lado de lá.

Ottoni levou um auxiliar e começou a investigar aquela rua, de onde a vítima foi trazida pelo assassino, e ruas próximas.

- O que nós estamos procurando? – perguntou o auxiliar.

- Antes de mais nada alguém que possa ter conhecido a moça morta – disse Ottoni. – A meu ver o assassino a achou na rua.

- Na rua?

- Ela devia estar voltando para casa. Não tinha carro e voltou a pé. Não achou um táxi ou não quis gastar dinheiro com táxi, não passou ônibus, ela tinha pouco dinheiro na bolsa dela. O assassino não matou para roubar. Ela pode morar aqui por perto.

- Morava, não é?

- Ou o local de trabalho é aqui por perto. Sabe o que eu acho?

- O que é? – perguntou o ajudante.

- Ela tem jeito de prostituta. Lá pelas duas horas da madrugada o movimento estava fraco no local de trabalho dela e resolveu ir embora para casa. Foi a pé, como já sabemos. A distância entre a casa dela e o local de trabalho não deve ser muita. E eu presumo que há um prostíbulo nas imediações. É mais fácil do que achar a casa dela. Ou alguém que a conheça.

- Como vamos saber se alguém a conhece?

- Ela se chamava Perina Lurdes Bononcini. Tinha 22 anos. Alguém deve saber quem ela era. Eu acho que trabalhava num bordel.

Morrer com 22 anos!

Alguns curiosos ainda se encontravam no beco, olhando a morta – antes da polícia levar. Eles foram interrogados. Nenhum conhecia a garota morta. Outros passaram pelo beco mais cedo, olharam a morta e se retiraram. O indivíduo que telefonou por certo foi um desses.

Na outra rua, com tráfego, o detetive Lavelle Ottoni e o ajudante, também um detetive, de nome Eumênis

Prassinos, de origem grega, 42 anos, eles começaram a abordar transeuntes.

- Uma moça foi morta naquele beco nessa madrugada. Vocês viram? Alguém conhece ela? Alguém sabe onde ela morava?

As perguntas tinham mais ou menos esse teor.

- Ela se chamava Perina Lurdes Bononcini. Tinha 22 anos. Nascida no Rio de Janeiro.

Algumas pessoas ignoravam que uma mulher foi assassinada no beco aquela noite. A maior parte não se interessou. Outras dessas pessoas abordadas, informadas de que havia uma mulher morta no beco, foram lá olhar.

Por fim, antes que a polícia científica levasse o corpo, levantaram-se algumas informações. Como o detetive Ottoni supôs, Perina não morava muito longe do beco onde foi assassinada.

Assim ele e o detetive Prassinos chegaram diante do prédio, um pardieiro antigo, onde Perina morava. Ottoni olhou para o chão, a uma curta distância da porta do edifício, e viu uma chave caída na poeira da calçada. Ele se abaixou e pegou a chave. Ficou olhando a chave em sua mão.

Prassinos achou a atitude de Ottoni tão estranha, olhando aquela chave, que perguntou:

- Que foi?

- Experimenta essa chave aí nessa porta – disse Ottoni.

Prassinos pegou a chave e a enfiou na fechadura. Torceu. Era a chave do prédio. Tirou-a de novo da fechadura, depois de destorcer, e a devolveu a Ottoni. O detetive Lavelle enfiou a chave no bolso e atravessou a rua.

Prassinos continuou a estranhar o comportamento de Lavelle. Atravessou também a rua e foi atrás dele.

- O que foi agora? – inquiriu.

Lavelle o olhou como se fosse ele o assassino de Perina.

- Vai lá achar a família dessa moça e... Vai. Se é que ainda não sabem. Não sei se tinha família ou morava sozinha. Vai lá. Eu não posso ir.

Prassinos observou com atenção o semblante de seu colega. Achou Lavelle um pouco pálido. No entanto o que mais impressionava era a fisionomia carregada dele. Não entendeu a expressão do rosto dele. Havia um pouco de tudo, pesar, fúria, desgosto... e depressão. Lavelle mostrava-se abatido e profundamente abalado e deprimido.

Prassinos teve uma suspeita repentina. Achou descabido, todavia fez a pergunta.

- Você conhecia aquela moça?

Pois Lavelle se comportava como se a garota morta fosse uma grande amiga dele.

- Não – disse Lavelle, e nessa palavra curta transpareceu o mundo inteiro de sentimentos que havia no olhar e em toda a expressão de seu rosto. Acima de tudo desencanto, achou Prassinos, desilusão.

Incrível.

- Vou lá ver se ela tinha família – disse. E ainda acrescentou, mais como se falasse consigo mesmo: - Eu aguento.

"E ele é um policial", foi pensando enquanto atravessava a rua. O que havia com Lavelle? Talvez estivesse passando por uma crise. As pessoas tinham problemas em casa, com a família ou outros e no trabalho ninguém ficava sabendo de nada. Até que um dia a coisa explodia – se fossem problemas graves, que não se pudessem sanar. Olhou para trás. Lavelle andava de um lado para outro pela calçada

oposta, cabeça baixa, como se procurasse mais chaves caídas na poeira do chão. Os problemas de Lavelle deviam ser desses, graves, muito graves, que não se podiam sanar, calculou.

Entrou no prédio.

Na realidade Lavelle estava horrorizado e recriava em sua mente tudo o que com certeza se passou durante a noite. A infeliz Perina foi perseguida pelas ruas por aquele homem, um assassino, e esteve diante do prédio onde morava com a chave na mão para abrir a porta de casa e entrar e se salvar. Ou seja, chegou a pensar que ia viver, teve esperança, acreditou na salvação. Para sofrer uma terrível desilusão. Não se salvou por um triz. Por um triz deixou de se salvar. Mais um instante e teria entrado e trancado a porta por dentro, sua esperança teria tido fundamento e ela viveria. Quase viveu. Quase. Faltou o quase. Por que esse quase tinha de faltar, teve de faltar? Poderia avisar a polícia e talvez a polícia prendesse esse bandido.

Foi horrível, ele achou. A moça correndo desesperada pelas ruas, aterrorizada, gritando por socorro e ninguém a socorria, alta madrugada. O assassino a perseguiu até a porta de sua casa. Agarrou-a. Quando pensou que ia escapar ele chegou. Ela lutou, tentou escapar das garras do assassino. Mas ele a arrastou para o beco e fez o que fez. Esfaqueou várias vezes a mulher indefesa no ventre, desferiu facadas no peito dela. E ela sangrou, sofreu, sentiu medo e dores, sentiu pânico, desespero, soube quase todo o tempo que ia morrer e agonizou e morreu. Fim.

De onde ela estaria vindo? De um puteiro. E aquele indivíduo era um maníaco. Como podiam existir seres assim? Como eles podiam fazer o que faziam? Como? Como? Se ele fosse o Congresso as leis iam ser um pouco

diferentes. Faria leis tão drásticas, mais do que draconianas, leis satânicas, leis tão diabólicas que com certeza não nasceriam mais assassinos no seu país. Os assassinos nasceriam mortos.

Ódio, ódio no coração. E uma dor muito grande. Pôs a mão no peito, no lugar do coração. "Nada me consola", ele pensou, "nada". Talvez o amor de uma mulher. Enquanto estivesse nos braços dela esqueceria a violência.

"Violência é o meu trabalho", divagou. Tentou se sentir um detetive, um policial, durão. E não conseguia.

E a choradeira da família?

Por onde andava Eumênis?

* *

No prostíbulo, o detetive Lavelle Ottoni conversou com a dona da casa, Antoniete.

Havia um ambiente de desespero no bordel. Perina saiu dali para a morte, há duas noites. O clima de consternação, de dor e tristeza, era geral. As garotas, todas elas, inclusive Antoniete horrorizavam-se com o que aconteceu a Perina. E lamentavam por ela e por si mesmas, sentiam medo. Foi um horror o que aconteceu a Perina, esfaqueada brutalmente da forma como o foi, uma mulher indefesa, assassinada, por um maníaco, com certeza. E o que sucedeu a Perina poderia suceder a qualquer uma das outras. Mas isto não era nada. Já havia acontecido a Perina e o que aconteceu a Perina não tinha mais remédio, não tinha solução, ela foi esfaqueada, assassinada, estava morta. Nunca

mais veriam Perina, ninguém mais a veria. Todas foram ao enterro. Ela era estimada.

O bordel estava fechado. Não havia clientes.

O detetive Lavelle bateu na porta, fazia um pouco de frio e ventava. E se apresentou a quem atendeu, uma mulher.

- Eu sou detetive de polícia, meu nome é Lavelle Ottoni. Estou investigando a morte de Perina. Preciso falar com alguém.

A garota não suspeitou do policial.

Todos eram suspeitos.

- Entra – disse. – Vou chamar Antoniete. – Antes de sair ela disse: – Fica à vontade, pode se sentar a uma mesa. E se quiser eu lhe sirvo uma bebida.

Não tinha cabimento beber em serviço. Mas tinha cabimento assassinar Perina?

- Vou sentar a essa mesa e beber alguma coisa. Obrigado, eu aceito.
- O que você quer? – perguntou a garota.
- Eu preciso.
- O quê?
- Traz um conhaque. Por favor. Se tiver de uva é melhor.
- Tem. Acho que tem.
- Então traz.
- Vou trazer.
- Obrigado.

A garota voltou daí a pouco com uma dose de conhaque de uva e avisou:

- Antoniete já vem.
- É a dona?
- É.

O que menos interessava a Lavelle era tratar-se o lenocínio de uma atividade ilegal. Ilegal era assassinar Perina. E eleger presidente ladrão. Deputado corrupto. Senador facínora. Empossar no cargo de ministro um chefe de quadrilha de traficantes de drogas.

Antoniete chegou e Lavelle se levantou para receber a dona do bordel.

- Olá – disse ela, e deu um sorriso triste.
- Oi – respondeu Lavelle, sombrio.

Só depois que Antoniete se sentou Lavelle retomou seu assento e tomou mais um gole do conhaque. Ficaram a cafetina e o detetive de polícia sentados à mesa, "vis-à-vis", um diante do outro, se olhando, e conversaram.

- Não estou muito familiarizado com esses ambientes – começou Lavelle, e olhou em volta com um certo constrangimento.
- Você se refere a bordéis? – perguntou Antoniete, sem rebuços.
- É.
- Pode começar a se familiarizar a partir de hoje.
- Vou ver se eu faço isso. Eu quero dizer que não sei como vocês vivem aqui...
- Como assim?
- Se as garotas têm muito contato umas com as outras, se sabem da vida umas das outras.
- Varia. Algumas pessoas são mais extrovertidas. As prostitutas são pessoas como as outras. Há prostitutas tímidas, acredita?
- Acredito.
- Pensa que elas são putas porque querem? São o que querem?

- Não, não penso.
- Pensa que é bom dar para quem nós nem conhecemos?
- Não penso nada.
- Umas falam mais de si, revelam mais seus segredos, suas intimidades. E outras, menos.
- Entendo.
- Você deve estar falando de Perina.
- Estou falando dela. E meus pêsames.
- Obrigada. Descobriu alguma coisa?
- Por enquanto ainda não. E eu te pergunto se você ou algumas das garotas sabem que espécie de vida ela levava depois que saía daqui.
- Ela era do tipo reservada.
- Aqui era como as outras?
- Era.
- Ela vivia com um irmão mais velho, solteiro, em um apartamento pequeno, num prédio caindo aos pedaços. Ele se chama Pedro Henrique e é eletricista de automóveis. Ele está muito transtornado com o que aconteceu à irmã. Está em estado de choque. Não tem condições de dar informações muito precisas mas não parece saber muito. E você acaba de dizer que Perina era reservada.
- Era.
- A polícia tem que saber no que ela estava metida.
- No meu entender em nada.
- Drogas?
- Sem chances.
- Claro. Pode ser tudo. Ela pode ter sido morta por um maníaco. Que nem conhecia ela.
- Eu acho que foi.

Lavelle olhou com atenção o rosto ainda bonito de Antoniete, apesar da tristeza e do abatimento.

E Antoniete começou então a falar do indivíduo suspeito que frequentou o bordel por uns dias, esteve na casa dela algumas noites.

Antoniete começou por dar a descrição física dele.

- É um cara magro, de um tipo que nós não podemos calcular direito a idade deles. Pode ter trinta, quarenta, cinquenta ou muito mais. Altura normal. Média. Não se veste mal a ponto de causar mal-estar nas outras pessoas mas não é um sujeito bem vestido. Ele esteve aqui algumas vezes, não muitas. E o que chama a atenção nele não é físico.
- É o quê? – perguntou Lavelle.
- É o comportamento dele.
- Fala aí.
- Ele esteve aqui umas três ou quatro ou cinco noites.
- Sua idade você calcula direito? – interrompeu Lavelle em tom de brincadeira afetuosa.
- Minha?
- Sua.
- Devo ter entre vinte e vinte e poucos. Entre vinte e um pouco mais de vinte. Satisfeito?
- Se não tem parece. Que mais?
- De todas as vezes ele se sentou a uma mesa, pediu conhaque e ficou bebendo. O que você está bebendo?
- Conhaque. Tenho cara de assassino?
- Assassino não tem estrela na testa.
- Mas é de uva. Só tomo conhaque de uva. Quando tem.

- Ele escolhia uma mesa num canto retirado. Nunca foi para o quarto com uma das garotas. E olhava muito todas elas. Era como se não se interessasse pelas garotas, pois não chamava nenhuma, mas olhava. E olhava mais quando um casal se levantava de uma mesa e ia para um dos quartos.
- As garotas não costumam abordar esses caras esquisitos, solitários? Ou por outra. Basta ser homem. E elas dão em cima. Não é assim?
- Algumas tentaram e desistiram.
- Por quê?
- Ele não era grosseiro. Mas repelia as garotas.
- Com bons modos.
- É.
- E elas se afastavam e não voltavam.
- Isso mesmo.
- Você reparou muito nesse camarada?
- Um pouco.
- Outras garotas repararam?
- Acho que ele chamou a atenção de todas nós.
- Nenhuma suspeitou dele?
- Calma aí. Não estou achando que ele... Perina foi morta. – Antoniete interrompeu-se. Fez cara de choro, um ar compungido, ar de dor. Dor no olhar. Dor nos olhos. E no rosto triste. Acabava de lhe acudir à consciência com muita força, muito ímpeto e vividez, de novo, a noção muito exata e precisa de que Perina foi assassinada há duas noites. – Mas eu não sei se foi ele, não estou dizendo que foi.
- Nem eu. Você não tem leão de chácara?
- Não. Não gosto. Eles são muito mandões. Causam mais tumulto que os clientes, mesmo bêbados. Um cliente bêbado é só levar para a cama e ele sossega.
- Ou dar mais cachaça a esses paus-d'água.

- Isso.
- Aí eles dormem.
- E viram anjos.
- Nenhuma de vocês considerou ele um cara suspeito?
- Acho que não. Só esquisito. Podia até ser suspeito. Mas as garotas não ligam muito, e nem eu ligo. Ele não fazia mal a ninguém, era inofensivo, parecia. – Antoniete ficou pensativa e dentro de instantes acrescentou: - Acho que todas nós pensamos que ele fosse indeciso.
- Ou exigente.
- E uma noite dessas ia gastar dinheiro com uma das garotas.
- Não vai para a cama com qualquer uma.
- Estava escolhendo.
- Tem lógica.

Antoniete calou-se.

Agora Lavelle tinha uma pergunta importante.

- Ele esteve aqui na noite em que Perina foi morta?
- Esteve – foi a resposta.
- Saiu antes ou depois dela?
- Bem antes.
- Que hora?
- Lá pela meia-noite.
- E Perina saiu por volta de duas horas ou antes.
- Mais ou menos. Por aí.
- Nesses bordéis as garotas não costumam dormir no próprio bordel? Não há quartos de sobra?
- Eu tenho muitas garotas. Não tenho quartos de sobra. Não há lugar para todas. E algumas não gostam, preferem suas casas. Perina gostava de cuidar do irmão.